

Conversa com João Manuel de Oliveira: ativista, professor e pesquisador feminista*

Eder Proença**

Resumo: A presente entrevista é parte da pesquisa realizada em meu estágio de doutorado tre abril e setembro de 2015, junto à Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, cujo título “Práticas discursivas sobre as sexualidades no cotidiano escolar: o que diz o cinema?”, tinha como um dos objetivos encontrar professores/as pesquisadores/as que estão trabalhando com temas voltados para as sexualidades não normativas, procurando captar suas trajetórias teóricas acadêmicas, posicionamento político e as possíveis aproximações com o cinema e o cotidiano escolar.

Abstract: This interview is part of the research carried out during my doctoral program abroad between April and September of 2015 at the Universitat Autònoma de Barcelona, Spain, whose title “Discursive practices of the sexualities in the school life: what does the cinema show?” had as one of objectives to find male and female researchers teachers who are working with themes regarding the non-prescriptive sexualities, seeking to understand their academic theoretical trajectories, political position and the possible approaches to the cinema and to the school life.

Palavras-Chave: Trajetória de professor pesquisador; Sexualidades não normativas; Cinema.

Keywords: Trajectory of the Researcher Teacher ;Non-Prescriptive Sexualities; Cinema.

Encontrei o professor João Manuel de Oliveira, investigador auxiliar do Centro de Investigação e Intervenção Social do Instituto Universitário de Lisboa, no restaurante Zapata, na capital portuguesa. Enquanto esperávamos para fazer o pedido, João Manuel quis saber sobre a minha estadia na Europa e sobre o meu trabalho e pesquisas no Brasil. Comentou sobre sua formação profissional e política e a influência da Revolução dos Cravos para as mudanças ocorridas em Portugal, a partir de 1974. Citou muitas interlocuções filosóficas e artísticas que lhe são caras, como o Ludwig Wittgenstein, o coreógrafo e amigo português Francisco Camacho e o cineasta Derek Jarmam. Continuamos nossa conversa no Café Noobai, no Mirador do Adamastor, um espaço que o João Manuel frequenta e que tem uma vista panorâmica para o rio Tejo e a ponte Vinte e Cinco de Abril.

João Manuel se assume como um investigador feminista, no sentido de entender as questões feministas como aquelas que pensam o humano e não apenas no que se restringe ao universo feminino ou masculino. Inspirado por Butler, gostaria de poder se dedicar mais à disciplinas voltadas para as questões de gênero, que não é totalmente contemplada nas universidades portuguesas. É enfática sua crítica à Academia por persistir em um modelo retórico conservador, acrítico e praticamente insensível à arte e ao potencial criativo para discutir as questões contemporâneas.

* Pós-Doutor pela Escola de Psicologia da Universidade do Minho (2010-2011); Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (2012-2013); Doutor em Psicologia Social pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL); Pesquisador visitante no Birkbeck College, Universidade de Londres.

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Sorocaba, Bolsista Capes PDSE (BEX 2661/15-2) na Universidade Autônoma de Barcelona. E-mail: eder.proenca1@gmail.com

Trajetória

Eder Proença: Para começarmos, gostaria que você traçasse uma trajetória de sua formação até chegar aos estudos de gênero e ao feminismo.

João Manuel de Oliveira: Quando eu estava para escolher o curso de graduação, não sabia bem o que queria, sabia que queria vir para Lisboa, sabia que queria ser investigador, agora, no quê, poderia ser qualquer coisa. Quando fui para a universidade, entrei na psicologia social e a primeira professora que tive foi a Lígia Amâncio, que dava aula de psicologia social, sendo especialista em estudos de gênero. Eu fiquei impressionado pelo discurso dela, pela capacidade analítica dela e, inclusive, os exemplos todos que dava eram sempre dos movimentos sociais e completamente distinta do que os demais professores faziam, daquilo que eles explicavam, proveniente de uma psicologia social norteamericanizada dos Estados Unidos.

Eu nunca gostei da psicologia, especialmente, eu gosto da psicanálise, gosto de Freud. Leio Freud que é um autor que me acompanha e, no mais, foi o único intelectual que a psicologia produziu. Na psicanálise as coisas são diferentes. Sempre tive uma postura crítica em relação a tudo aquilo e por isso, fazia distinção daquilo que seria bom ou não para mim.

O meu curso era muito aberto e permitia que se fizesse disciplina em outros cursos. Então, faço uma formação em antropologia: tive aula de antropologia urbana, antropologia e cinema, antropologia visual, tive aulas muito interessantes de antropologia do corpo, que eu gostei bastante. Primeiro, por achar que a antropologia é uma área muito interessante, depois, por outro lado, é uma área muito próxima das humanidades, é uma maneira de pensar muito as humanidades, não são ciências sociais ou psicologia clássica com seus questionários e as estatísticas. É um pensar interpretativo e eu me interessei muito por essas questões, fiquei fascinado com a antropologia por causa disso.

Li muito Lévi-Strauss, que é interessante do ponto de vista intelectual, não muito mais do que isso e, mais interessante do que Lévi-Strauss, foi ter conhecido a Gayle Rubin, que é quem faz a crítica feminista ao Lévi-Strauss. Assim, cheguei aos feminismos, sem saber muito bem o que estava a fazer, mas foi uma questão puramente intelectual.

Eder Proença: E antes disso, as influências da família, as questões políticas e religiosas?

João Manuel de Oliveira: Minha família é da região do Alentejo e essa parte de Portugal sempre esteve mais voltada para a política de esquerda. Eu nasci em 1977, ou seja, após a Revolução dos Cravos e a minha geração é filha dessa gente que passou pela experiência do fascismo e lutou por seus direitos. O Alentejo, durante o período da revolução viveu um período marcado por ações revolucionárias com ocupações de terras, formação de cooperativas com o mote “a terra a quem a trabalha”.

Houve influência do que via na televisão, como os desenhos animados soviéticos, como das antigas Tchecoslováquia e Iugoslávia, por exemplo; os desenhos norteamericanos eram execrados, pois poderiam estragar as crianças tornando-as capitalistas. Durou pouco tempo, mas tivemos um período na infância muito distinto do que se vive agora.

Minha família era muito aberta e deixava a gente ver o que queria, fui muito influenciado por leituras e filmes, aos dez anos assistia a filmes exibidos na televisão aberta de grandes cineastas como Fassbinder, Pasolini, Greenaway e até filmes da primeira fase de Almodóvar, creio que até cineastas brasileiros, como Cacá Dieges e Glauber Rocha.

Uma leitura marcante em minha adolescência foi a obra “Os versos satânicos”, de Salman Rushdie, que apesar de minha mãe, que é professora ter ficado com *medo*, para mim, foi uma coisa emancipatória, por se tratar de um livro que obriga a pensar e não é como os muitos outros que

já havia lido e que tratam da moral e dos bons costumes, isso é completamente tóxico.

Também do ponto de vista ideológico, me aproximo do Bloco de Esquerda que surge em 1999. Mas para mim, para além da construção de alternativas de esquerda na política, é fundamental a liberdade para a gente pensar.

Eu sempre tive liberdade, não no sentido de que me foi dada. Sempre me interessou estar num local onde me pudesse sentir mais livre e vejo a universidade, ao contrário do que a maioria das pessoas vêem, como um lugar de liberdade, um espaço de liberdade de pensar. Há pessoas que têm uma visão contrária, porque vêm a universidade como um sítio em que você tem que obedecer às pessoas. Eu nunca fui de obedecer e não vejo a universidade como esse lugar. Sempre tive isso e na minha história intelectual e também tenho interesse por essas questões ligadas à liberdade. Acredito que a única maneira de poder criar alguma coisa é tendo liberdade. Esse é o grande jogo!

Eder Proença: Incrível, é a mesma sensação que eu sinto e que você está demonstrando agora. Dentro do espaço escolar, enquanto diretor de escola da rede municipal de Sorocaba, eu nunca me sinto aprisionado, pelo contrário.

João Manuel de Oliveira: Nem eu e nunca me senti aprisionado. Mas isso é o que eu chamo de educação estética. Agora eu ando a ler muito Gayatri Spivak, uma autora para mim muito importante, que sendo indiana, sua especialidade são as questões do pós-colonialismo e as relações com o feminismo. Ela tem um trabalho sobre a questão da educação estética, que é essa educação mais do século XIX romântico, que é a educação como preparação do homem para a liberdade. A Spivak trabalha a partir de um livro muito conhecido do Schiller (1995), que é “A educação estética do homem”.

Schiller é um filósofo e escritor muito identificado com o eurocentrismo, com essa ideia de Europa como centro. Spivak faz exatamente aquilo que o Famon fez com o Hegel, que é pegar o europeu, transformá-lo e usá-lo pós objeto de pesquisa. Educação é isso! Eu leio aquele livro e penso, eu nunca tinha dito isso com tais palavras, mas ela encontrou a maneira de exprimir essa sensação. É o que pode nos salvar dessa barbárie toda, não uma barbárie no sentido colonial da mesma, mas a coisa do empobrecimento do espírito, que é o que nós temos com o projeto neoliberal. A partir do momento que temos espíritos não críticos e sim, preparados para obedecer cegamente, continuaremos viveremos num contexto brutal, medíocre e estúpido. É uma prática de alimentar a estupidez humana e a ignorância.

Assim, as armas que temos são as humanidades, que implicam um tempo longo, pois não se consegue formar uma pessoa em humanidades sem uns vinte anos de livros e bons filmes. Não há caminhos fáceis e o acesso a determinados bens culturais, podem contribuir para fazer pensar.

Eder Proença: A decisão de se aventurar por pesquisas no campo do embate de gêneros, sexualidades e a teoria queer, também foi por razões intelectuais, como o feminismo?

João Manuel de Oliveira: Em 1998, Portugal fez um referendo sobre o aborto. Perguntaram às pessoas se o aborto poderia ser disponibilizado por escolha da mulher até as dez primeiras semanas de gestação e o não venceu. Eu achei isso horrível. É como se dissessem que as mulheres são humanos menos cidadãos que os demais. Os discursos médicos e religiosos eram coisas terríveis de se ver e ouvir. Não dava para acreditar que, após o vinte e cinco de abril, que foi algo magnífico, uma luta de autodeterminação do povo, onde havia sido construída uma ponte separando a igreja, que possuía um poder asfixiante, mas que após a revolução, foi colocada na caverna de onde nunca deveria sair, mas de repente, sai e assim, padres e bispos querem determinar o que as mulheres podem ou não fazer. Isso é assustador.

Quando o não ganhou, eu ouvi algumas buzinas na rua, de católicos contentes e eu pensei, vou ter que estudar sobre isso, precisava compreender o que é que está passando aqui, aquilo tudo me deixou perplexo. Apenas em 2007 é que passamos a ter a lei. Então, eu fiz o meu mestrado sobre o aborto, na graduação fiz um trabalho sobre as questões de gênero com a Lígia Amâncio e no doutorado, minha tese foi uma abordagem feminista sobre o debate sobre a interrupção da gravidez em Portugal.

O projeto feminista, que é um projeto com uma amplitude muito maior e, portanto, ao contrário do que as pessoas pensam, não é algo restrito à mulher. Feminismo é pensar o humano, é uma outra lógica. Não tem relação em apenas pensar os homens e as mulheres, que são elementos, mas não o centro do feminismo, o centro do feminismo é problematizar quem chega a contar como humano.

Arte, subversão e experimentações

Eder Proença: Você fala muito da dança, do teatro e do cinema, um tema que muito me interessa, pois acredito que a arte é potente para nos fazer pensar e refletir sobre o mundo que temos e o mundo que queremos. Quais são as influências da arte na sua vida e formação?

João Manuel de Oliveira: As aulas de educação artística foram importantes, tive aulas de teatro contemporâneo. Aqui em Portugal, praticamente pulamos da pré-modernidade para a pós-modernidade, não houve modernidade. Nós temos a democracia em 1974, portanto é o momento em que o movimento punk cresceu e, nós íamos buscar isso. Creio que é a metáfora a antropofagia brasileira. O fascismo português destruiu as possibilidades de criatividade e da produção artística e com o seu fim, era preciso inverter tudo. O retorno dos exilados políticos contribuiu para que novos conhecimentos chegassem e processos de criação e movimentos artísticos ganhassem espaço.

Os artistas foram os mais afetados pelo fascismo, um caso interessante é o da pintora Paula Rego, uma portuguesa que vive em Londres e tem agora quase oitenta anos. Ela consegue utilizar as memórias do fascismo como fertilizante para suas obras, um imaginário que é completamente fantasmagórico, e que lhe permitiu fazer suas criações, mas só conseguiu porque estava na Inglaterra e pode de alguma forma, aproveitar aquele lixo fascista português.

A minha geração usa as confluências. E creio que as minhas influências dessas transformações foram ótimas para minha formação. Ter nascido em um país que atravessou uma revolução como a de 1974, é uma coisa muito bonita, muito poético e muito importante. A poesia é uma forma de política e de intervenção sobre o mundo.

Eder Proença: Você disse ter feito teatro e dança contemporânea, quais são as suas referências nesse campo?

João Manuel de Oliveira: A dança contemporânea aqui em Portugal tem um momento de verdadeira ruptura com a chamada nova dança portuguesa, que implica levar a dança a um limite e, um limite pode ser o não dançar, pode ser tocar na dança, pode ser coreografar palavras; pode ser o contrário, usar uma linguagem até onde ela dá e mostrar que ela não dá mais depois daquilo. Há várias peças portuguesas nesse sentido, mas eu vou falar de duas que marcaram muito a minha vida.

Há uma peça da Vera Mantero que se chama “uma misteriosa Coisa, disse o e.e. cummings*” (1996), inspirada na obra “Caminhos” de cummings. Vera Mantero é uma pessoa que também luta contra esse empobrecimento do mundo – a expressão é dela, uma coreógrafa portuguesa fundamental. Quando faz essa peça, está pensando a questão da colonização, então, aparece toda pintada de preto, ela é branca, mas está toda pintada de preto, com uns pés de cabra. Não dança, lê um texto. Dança, seus movimentos são, mas não há nenhuma dança. Lê um texto sobre essa questão da falta, uma certa ausência, uma

falha, como uma forma de significar a questão da raça. Ela pode ser perfeitamente considerada como uma teórica; através de uma linguagem que é uma dança que não é uma dança, é um plano completamente conceitual, mas um plano conceitual não no sentido da arte conceitual, mas no sentido filosófico.

A segunda produção é de Francisco Camacho e se chama “Nossa Senhora das Flores” (1992), que, inclusive, que já escrevi um texto sobre essa peça que estréia dois anos depois da publicação do *Gender Trouble* (Butler, 1990), Francisco não conhecia Judith Butler naquela altura, mas ele faz o gênero como a Judith Butler dizia que o gênero é feito. Ele frequentou os mesmos meios que a Butler frequentava em Nova York, conhecia as mesmas pessoas, as mesmas manifestações e havia aquela ideia no ar de que o gênero não era uma coisa que estivesse, era uma coisa que se fazia.

Francisco faz uma peça inspirada numa tradição muito curiosa, que é a das freiras em Portugal, em que aparece como uma espécie de noiva, vestido de homem, depois com um manto, um hábito de freira cheio de flores. Ele faz uma dança que também não é uma dança, ele faz uma coisa que nos faz pensar como é que o gênero pode ser inteligível. Então, uma peça de teoria do gênero pura. O curioso é que Judith Butler não tinha chegado ainda em Portugal, ninguém tinha escrito nada sobre a teoria dela, a primeira pessoa a escrever sobre a Butler é a Conceição Nogueira, em 1996 e esta peça estreou em 1992, já com essa marca. O ponto forte da peça é que o Francisco dança sempre de olhos fechados, o que tem uma tradução muito interessante, uma ideia de que o gênero é uma coisa completamente inconsciente e deliberada. O gênero é resultado de uma tensão com as normas, uma tensão que você resolve através ou da conformidade com essas normas, ou da subversão delas.

Eder Proença: Mas você está ligado à dança só em relação ao que ela pode provocar teoricamente, ou também ao ato de criar, dançar?

João Manuel de Oliveira: A minha passagem pela dança ocorre pós os estudos de gênero. Foi uma proposta do próprio Francisco Camacho, para que eu criasse um programa de formação em gênero, sexualidade e dança e dessa forma surgiu o *Inbreeding*, que é quando aquelas famílias reais fazem casamentos entre si, esse é um processo de *inbreeding*. A minha ideia com o Francisco é muito próximo disso e os estudos de gênero é muito isso, não fazem fronteiras.

Naquela altura eu lia muito Donna Haraway e como ela, acredito na porosidade das fronteiras e que elas não têm que ser respeitadas a priori. As fronteiras são porosas e não tem que ser uma única coisa. Então fizemos esse programa que incluía o ciclo de pesquisa e criação em que as pessoas não tinham apenas aulas, a ideia era para que pudessem fazer a pesquisa no processo de criar algo. Um processo criativo alimentado por leituras, por vídeos, por cinema, por conversas, por feedbacks, tanto nosso quanto dos participantes, portanto, numa óptica de experimentar. Experimentações ao máximo. Esse programa durou quatro anos em Lisboa.

Mas minha relação aí, começa a ficar mais séria, à medida que passei a fazer dramaturgia e a dança contemporânea em conjunto com um coreógrafo ou coreógrafa, na construção das peças, fornecendo materiais como textos, filmes e vídeos e ao mesmo tempo utilizava esses materiais nas aulas do doutorado. Às vezes levava coisas da Pina Bausch para os alunos verem, que é interessante para pensar as questões de gênero.

A dança me interpela muito, pois é muito forte pensar o que você pode fazer com o corpo. Não é óbvio. Há um texto do Deleuze, que se chama “O que pode um corpo”, essa questão é muito séria, um corpo não pode fazer nada se não tiver uma série de contextos e instrumentos e tecnologia que o permitam fazer, porque nós somos completamente dependentes e vulneráveis. Portanto, há um mundo interno para se pensar a dança, que seria, o que um corpo pode fazer? As pessoas acham que o corpo é um dado, o corpo não é um dado, é algo complexo. Pois é uma construção, apesar de ter um lado concreto, mas um concreto que se não tiver certa inteligibilidade, não é legível, não existe. Por isso eu sou mui-

to crítico às pessoas que criticam a Butler, que não percebem que não há limites para a construção. A construção é a possibilidade de leitura que você tem sobre um objeto.

O cinema como transformador da consciência

Eder Proença: Gostaria que me contasse de suas experiências com o cinema, além do que te influenciou.

João Manuel de Oliveira: Boa parte da minha trajetória foi muito marcada pelo cinema. Eu uso o cinema como arma, como eu uso um livro ou uma peça de teatro ou da dança. Sempre numa preocupação com a educação estética, mas que é uma educação ao estilo marxista, no sentido que está inscrito a usar aquilo para transformar o mundo. Um objeto de ideias sempre. Transformar o mundo nem que seja através de aprender as teorias e conhecimentos que te fazer assumir posições no mundo.

E nós temos, a Lúcia Amâncio, a Conceição Nogueira e eu, muitos alunos que depois das aulas procuram participar de movimentos sociais e fazer uma participação política. É para isso que a gente está lá na universidade, não é para formar alunos que irão preencher os quadros de funcionários das empresas. Não estou formando bons funcionários, estou a formar cidadãos e cidadãs críticos e construtivos, eles podem implicar em muitas coisas.

Shortbus (2007) é um filme que eu sempre uso nas aulas, é de John Cameron Mitchell, onde há uma experimentação sexual. Uma cena que eu gosto muito do filme é quando as mulheres começam a discutir o orgasmo e são mulheres – não apenas a mulher espectro – eram mulheres de diferentes raças. Havia uma psicóloga que não conseguia ter orgasmo e nesse sistema é uma vergonha, pois se tornou obrigatório ter orgasmo. Há uma relação muito interessante para pensar, quais são os limites da libertação? Não há libertação nenhuma ao julgar errada

uma mulher ao dizer que não tem um orgasmo. Eu gosto do cinema que complica os debates, que os torna mais complexos, pois esses dados são sempre muito complexos.

Não dá para ficar pensando sempre ou optando sempre pela ideia que a maioria tem de classe, por exemplo. Nesse contexto, estou de acordo com o que diz a filósofa brasileira Marilena Chauí, quando defende que o modelo de classe utilizado maioritariamente nas ciências sociais é uma ignorância. É um modelo que não se sabe de onde vem das ideias clássicas de Marx, ou seja uma classe é a uma inserção num determinado sistema de produção e reprodução. A psicologia e sociologia muitas vezes utilizam a ideia de classes proveniente do marketing e dos estudos de mercado, onde o principal interesse é servir às empresas e dizer quem é que compra o quê, qual é o nível de rendimento e de vida. Portanto, aí há uma lógica que nós temos que combater. Eu sempre tento combater essas coisas, pois acho que faz parte de nossa obrigação enquanto intelectual e, uma das formas de fazer isso é complexificar as questões. Nunca se satisfazer com um concordo ou discordo, pois as coisas são sempre complexas, implicam conversas, implicam discursos, implicam compreender que não é porque sou gay que preciso consumir para atingir um status X e ter acesso à cidadania. Tudo virou mercantilizável, mesmo as identidades, na formação social capitalista.

O que eu tento fazer? Ao usar os filmes, por exemplo, não os mais comerciais norte-americanos dos EUA – a não ser que tenha o pressuposto para criticar aquilo. Eu, particularmente, prefiro os filmes mais ambivalentes, o cinema que tenha uma preocupação estética, como Pasolini. Pois o que você ensina extravasa muito a dimensão de ensinar apenas uma disciplina, como os estudos de gênero.

Há um outro filme que eu gosto de usar, o “Tarnation” (2003), de Jonathan Caouette, um cineasta independente norte-americano, que desde muito jovem, alugava câmaras e filmava a vida dele e de sua mãe que sofria de esquizo-

frenia e passou pela terapia de eletrochoques que a destrói. Uma senhora que só sente e reage, às vezes, com agressividade, as estruturas cerebrais foram destruídas. O filme é uma experiência brutal do ponto de vista da teoria queer, autobiografia e subjetivação e é uma excelente maneira de iniciar, por exemplo, aulas sobre subjetivações. Tem uma cena do filme que mostra ele aos onze anos imitando aquelas figuras white trash, de programas de auditório, uma que havia sido vítima de violência doméstica. A cena é potente para mostrar a questão da performatividade, porque é muito mais do que fazer ou imitar, é viver a performatividade.

O cinema, portanto, transformador de consciência é um cinema que mexe com as estranhas, que coloca uma mão dentro do corpo e embaralha.

Eder Proença: Você já viu filmes do Karim Aïnouz, um cineasta brasileiro? Acredito que seus filmes se aproximam do que você está me dizendo. Um recente, lançado em 2014, se chama “Praia do Futuro”. Mas o que eu mais gosto é “O céu de Suely”, de 2006, que mostra a história de uma jovem nordestina que volta para sua terra natal com o filho, abandonada pelo parceiro e que não se reconhece mais naquele lugar. Assim, cria como estratégia para sair dali, ganhar dinheiro com uma rifa do próprio corpo e poder comprar uma passagem para um lugar distante dali.

João Manuel de Oliveira: Eu já ouvi falar desse filme, mas ainda não o vi. Também gosto muito dos livros de ficção e quando você falou dela ser uma mulher nordestina, eu logo me lembrei de “A hora da estrela” (1977) de Clarice Lispector. Eu normalmente recomendo aos meus alunos para que percebam as questões de classe, questões de pré-determinação de classe, que mostra muito bem e de outras características como gênero e procedência geográfica. A história daquela mulher só poderia acabar daquela forma, não havia outra possibilidade. Isso é brutal. Clarice Lis-

pector é a minha autora favorita da Língua Portuguesa.

Tenho uma prática na psicologia que é muito filosófica. Penso que nunca deveria ter separado a psicologia da filosofia. Os lugares onde eu vejo uma outra psicologia sendo feita, são onde as escolas estão mais próximas da psicologia crítica. A psicologia social brasileira tem um papel fundamental, assim como movimentos que agora estão ocorrendo na Inglaterra e nos Estados Unidos, os estudos psicossociais, ou seja, o cruzamento entre a psicanálise e a teoria social. Por exemplo, estudam a partir de Zizek, a partir de Butler, uma série de processos psicológicos. Uma psicologia com algum interesse, um apelo filosófico que eu gosto muito. E isso explica porque o cinema tem uma grande importância. A psicologia contemporânea vive nesses espaços culturais e interculturais, onde um filme é mais do que um filme, é uma narrativa psicossocial.

Nessa perspectiva, é muito interessante como alguns autores e autoras se fazem valer dos filmes. Vou falar de dois casos especificamente. Um texto de Judith Butler, em “Bodies that matter”, que vai analisar o documentário “Gender is burning” e é um exemplo de como a partir do cinema se cria uma teoria generalizativa de outras coisas. E, Judith Halberstam, em “The queer art of failure”, onde ela vai buscar no cinema americano de animação uma série de possibilidades para pensar a teoria queer. Ela busca em “Procurando Nemo” que é um filme da Pixar, a personagem Doris, que não tem memória, nem a longo e nem a curto prazo. Ela não lembra nunca, de nada. É uma personagem queer, ao pensar em como ela estabelece afetos, que é o que está buscando constantemente, sem memória. A Doris está sempre em afeto. Isso mostra como o cinema pode afetar, influenciar e impulsionar determinadas práticas e teorias e maneiras de estar nesse mundo.

Eu sou muito inspirado pelo cinema, não apenas na prática profissional, nos movimentos sociais, mas na vida. Há um filme que eu ainda não utilizei em aula, mas quero muito utilizar. É um filme português recente que se chama “E agora?

Lembra-me”, de Joaquim Pinto, que é lindíssimo, conta a história de um homem que tem HIV e hepatite C, que é o realizador do filme. Ele filma ele e seu namorado mostrando como foi horroroso o tratamento pela qual passou, que ia matando-o, mas ele sobrevive porque está agarrado completamente por uma espécie de alegria do amor. Há cenas lindas que é ele filmando o companheiro, que é a única coisa que o faz agarrar-se à vida. É brutal e é um filme que eu usaria para explicar a filosofia de Espinosa, pois mostra a alegria de estar junto, a sensação de paz, a alegria da criação, o olhar para a vida como algo do tipo, que bom que estamos aqui, amanhã já não vamos estar. Há a sensação de um fim, quase uma espada que está acima daquelas cabeças, mas eles estão fazendo a cena deles, com seus cães enormes, no campo onde vivem. O filme começa com uma lesma que se arrasta na tela e, ao mesmo tempo, está a marcar com eles essa coisa bonita que é a vida. Isso é política.

Eder Proença: São muitas as possibilidades, não? O cinema é repleto de trabalhos que nos tira do lugar comum, que nos faz pensar de outra maneira e não são apenas ilustrações de temas ou conteúdos que queremos trabalhar.

João Manuel de Oliveira: Eu tenho um enorme problema com as coisas demonstrativas, aliás, eu não gosto de dar exemplos. Prefiro que nas aulas predomine o complexo. Quando eu uso exemplos reais, eu os faço depois de pensar muito, pois é preciso complexificar os exemplos, afinal, se estamos tratando de uma teoria que é abstrata, um exemplo qualquer pode fazer perder o potencial de abstração teórica.

Apenas para contextualizar essa questão, eu costumo utilizar para pensar o processo de interseccionalidade, uma história sobre a General Motors, que nos anos de 1970 decidiram aplicar políticas pela igualdade, portanto para questões de raças e questões de gênero na contratação de novos funcionários, mas, quando tiveram que despedir pessoas, despediram todas as mulheres negras

da empresa. Por que despediram as negras? Porque sentiam que estavam mantendo intocadas as políticas raciais, porque tinham homens e, as políticas de gênero, porque havia mulheres brancas. Creio que é uma maneira diferente de discutir a interseccionalidade, que é o oposto desta prática da empresa.

Gosto de usar filmes clássicos do cinema europeu, como Lars von Trier, Chantal Ackerman, Agnès Varda ou Michael Haneke. O Haneke, sobretudo, que tem um filme muito brutal, se chama “Le temps du loup”, que a história é assim, um dia acaba a água e a comida em uma cidade da França, por contaminação e um grupo passa a procurar a comida em outros lugares. É uma experiência da psicologia social praticamente, pois há pessoas que têm comida e o valor da comida aumenta, e sem comida as pessoas morrem. O filme foca-se na personagem feita pela atriz Isabelle Huppert e nas ações que desenvolve lutando pela sobrevivência de seus filhos, que chegam a serem situações-limites, além de violentas regras sociais. É, portanto, um filme hardcore e o cinema bom, sempre proporciona um choque hardcore, faz sempre um confronto às maneiras de pensar o real, que é violento e complexo.

Não pode faltar nunca um filme feito por mulheres. Há cinemas deslumbrantes feitos por mulheres! E também as pessoas não têm que ver filme só feito por homens. Ainda não tive muitas possibilidades de trabalhar cinema queer, sempre incluo um ou outro, mas não tanto quanto eu queria.

Eu gosto muito de documentário também. Eu os mostro em minhas aulas, como de Angela Davis, sobre os Black Panthers. O último que me marcou se chama “Concerning violence”, de Göran Olsson, que é um documentário sobre um texto do Frantz Fanon, que se chama “Sobre a violência”. O documentário mostra imagens da África colonial, sobretudo Angola e Moçambique, enquanto a atriz Lauren Hill (na versão inglesa), narra o texto do *Fanon*, que diz, o colonialismo não é uma máquina que pensa, é uma máquina de pura violência. Em seguida começa a

introduzir a relação colono e colonizado e as imagens falam por si. Há uma parte em que um casal missionário sueco vai para um país africano e quando chega, seu discurso é de construir escolas, hospitais, mas a primeira coisa que constrói é uma igreja e, que só podem entrar aqueles que vivem uma relação monogâmica, dentro dos padrões religiosos. Isso se torna um debate muito interessante e eu gosto de usar esse documentário, junto com o texto do Fanon. As imagens são ótimas e amplificam as ideias e levam os alunos a perceberem que aquilo não são só palavras. O texto tem uma determinada inscrição no mundo. E com esse tipo de cinema a gente pode dar um corpo e amplificar o texto.

Eder Proença: Há um cinema queer? Quem você cita como referência?

João Manuel de Oliveira: Eu fui muito inspirado pelo cinema do Derek Jarman, que é um realizador de inúmeros filmes queers. Sua produção é muito violenta também e, normalmente, implica pensar o mundo a partir de umas coordenadas queers, implica toda uma história. Um bom exemplo é que ele transforma personagens clássicos da história inglesa em personagens queers. Um dos meus filmes favoritos é *A tempestade* (1979), em que ele transforma os personagens do texto de Shakespeare, num mote gay, que é impactante. Aquilo é um grau de queering de uma peça do Shakespeare, que originalmente, não tem nada de queer, mas é completamente transformado. Derek é um grande realizador do cinema punk. Há um outro filme dele que eu gosto muito que é o “*Jubilee*” (1978), que é sobre uma viagem no tempo realizada pela rainha Elizabeth I ao futuro, no meio de uma Inglaterra dos anos 1970, pós industrial, destrojada e em caos. É um filme genial, considerado um dos primeiros filmes punk.

Há pouco tempo escrevi um capítulo sobre um filme do Derek Jarman, que é o “*Wittgenstein*” (1963) para compor o catálogo brasileiro “*Derek Jarman – Cinema é liberdade*” (2014), organizado por Alessandra Castañeda, Raphael Fonseca e Victor Dias, que fizeram um ciclo com os filmes todos do Derek Jarman. *Wittgenstein* foi muito importante para minha formação, assim como considero a influência dos filmes de Derek Jarman, então, ao concluir o texto, eu os coloquei junto comigo numa cama estranha, por causa das trocas rizomáticas que podem ser feitas a partir do filósofo, do cineasta queer e eu, investigador, entre os dois. Uma relação de promiscuidade. Gosto da teoria promíscua, que não está inscrita numa só história, mas que se alimenta de muitos lados.

Eu uso a escrita para clarificar as ideias. Minha escrita é muito reflexiva e, muitas vezes, quando estou escrevendo, nunca sei como o texto vai terminar, pois os encaminhamentos são vários, não há uma receita. Tal como a teoria, trata-se de um enredo, de uma tessitura, um texto é uma rede que inclui aquilo que chamamos vida, como diz muito bem a Spivak.

